

**DULCE BARATA FEYO [6 AGUARELAS] + JOÃO BARATA FEYO [3 ESCULTURAS + 5 DESENHOS]:
UMA VOLTA AO MUNDO DE 180° X 2 = 360°**

“Se estou só velo-te sempre e onde estejas. Juro-te, eu sou nós ambos. Mais do que a mim devo-me a ambos. Começo sempre em ambos e sem ambos não prossigo. Tu és a minha presença.”

Almada Negreiros¹

A evocação incontornável será Almada Negreiros e a sua inultrapassável máxima: **1 + 1 = 1**, obtida na leitura repetida de “Direcção Única” que é a colaboração entre ambas criaturas.

1.

Há 16 anos atrás, em agosto de 2002, e acerca de uma série de aguarelas, então concebidas por Dulce Barata Feyo, escrevi:

“Nas suas telas, que privilegiam os dois eixos – vertical ou horizontal – assumidos na radicalização do formato e da superfície disponíveis, os conteúdos naturalistas apresentam-se transfigurados, simplificados, por vezes, quase leves apontamentos.”

Agora, atendendo às 6 aguarelas que se apresentam, os movimento interseccionam-se, as topologias entrecruzam diagonais e a cartografia dominante evidencia circunvoluções barrocas. As paisagens tornaram-se movimentações de ideias sobre os olhares mergulhados nas coisas que se enredam nas aceções e tipologias urbanas mais inesperadas: reúnem-se em localizações que conciliam espaços interiores e exteriores, gerando uma zona “entre”. Essa faixa de existir perante o que nos sobrevoa e rodeia, que aqui se designa por “espaço entre”. Penso nas “imagens-nuas” de José Gil² e também nas suas “pequenas-percepções”. Ou já, refiro-me àquelas celebrações visuais que estes artistas nos propõem, transportando (na minha opinião) motivações associáveis à definição do conceito, quanto a essa ideia de que a nossa percepção seria predominantemente causificada por esta tipologia de imagens, que são livres e “voadoras”. Quanto às pequenas percepções, o termo aplica-se àquelas percepções (seguindo [ou não] a concetualização de Merleau-Ponty) que asseguram a passagem do não-verbal ao linguístico, que se pode traduzir em diferentes passagens: de um ritmo cromático a um ritmo poético; de um gesto verbal a um gesto corporal, como depreende do anunciado por José Gil logo na Introdução³.

Eis algumas das vivências fronteiriças que são suscitadas, convocadas, ao contemplar as aguarelas de Dulce Barata Feyo.

Por outro lado, estas aguarelas possuem em essência iconográfica metamórfica a condição de paisagem – que se anula a si mesma, para achar a própria revigoração constitutiva e orgânica. As paisagens refletem-se e são reflexo/refletidas no ser humano, apresentando-se ativas e constantes – lembram-nos o Paganismo constitutivo da consciência do *Eu* — *Panteísmo Transcendental*⁴.

A paisagem não seria pois, e de acordo com este entendimento, algo de inanimado. Antes possuiria uma alma que atua, por procedimento endógeno — com amor ou dor — nos sentimentos e ideias, e configurando-os portanto. A paisagem, transmitindo-lhes a sua própria essência, é pois dinamizadora de figuras, assim conquistando a ação e o conhecimento de si.



1.

« Les souvenirs du monde extérieur n'auront jamais la même tonalité que les souvenirs de la maison. »⁵

1 Almada Negreiros, “Galileu, Leonardo e eu”, Teatro, Lx, INCM, p.235

2 Cf. José Gil, A imagem-nua e as pequenas percepções: estética e metafenomenologia, Lisboa, Relógio d'Água, 1996.

3 Idem, ibidem, cf. pp. 15 a 21.

4 Lembrando os primeiros escritos de Fernando Pessoa, datados de 1912, publicados na revista Águia, órgão da Renascença Portuguesa. Vide, p.ex. o artigo de António Cândido Franco in <https://modernismo.pt/index.php/t/transcendentalismo-panteista> (consultado em Janeiro 2018).

5 Gaston Bachelard, Poétique de l'espace, Paris, P.U.F., 1983, p.25

As 3 esculturas de João Barata Feyo representam figuras tomando corpo, destacando-se no espaço que as contém sem precisarem de fundo ou cenário. Numa atuação imaginada, estas esculturas podem invadir as paisagens de Dulce Barata Feyo ou pousarem nos telhados desenhados do escultor. Tudo é possível. As figuras tomaram posturas, asseguram ações inominadas e gestos expressivos que aguardam consequências. Estão, também numa ação de tipologia “entre”, induzindo o que estar para vir, o que pode ser dado a ver (Paul Éluard dixit).

Sabemos que, quer na pintura, quer na escultura, o conceito de figura foi atravessando significações e pragmáticas díspares, consoante as épocas e os autores.

Na escultura, os corpos volumetrizados, escolhem posicionar-se entre o estatismo e a fluidez de movimentos implícitos e sequenciados.

Por contraponto, os desenhos do escultor são quase inertes e nem um sussurro quase se escuta.

Os desenhos registam vistas aéreas de paisagem urbana, transfiguram-se e explicitam revisitações mentais, olhadas sobre a realidade percecionada.

O casario é visto na sua pele mais aparential, revestimento de teor superior que alberga paredes e se segura na visão panorâmica que contém o gregário. Esta pele do teto exterior das casas é significativa e é-me impossível não sublinhar a Poética do Espaço com que Gaston Bachelard nos presenteou. Porque os telhados são os tetos por fora (diria eu). A casa é, com propriedade, uma crença e razão sobre um lugar/fragmento decisório no mundo interno e externo de cada um, revestido por atributos e demais exigências materializadoras.

As casas resguardam as idades da história do mundo e das pessoas cujas vidas são deixadas a seu cuidado. Nas casas, as pequenas felicidades escondem-se, as angústias desenvolvem-se, os conflitos acentuam-se, os hábitos entranham-se mais; os objetos adquirem afetos sublimados; as paixões e/ou os amores comedidos usam todas as salas ou esgotam-se à janela do sótão, olhando para cima, o céu.

=

1.

A “Direção única” era “ser eternamente a mesma, ainda que em toda a História da Humanidade não se fizessem senão disparates”, salvaguarda-se que no caso da parceria nesta exposição predomina a lucidez e a sabedoria da criação artística, em suas tipológicas poéticas: desenho, aquarela e escultura.

Presentificar, tornar visível a consciência (interior) de si, é potencializada pela luminosidade da relação, estabelecida com o outro – em estado de alteridade paritária.

A densidade da relação eu-tu revela-se em Almada Negreiros no par: mulher-homem, figuras fundamentais que da obra escrita transitam para a plástica, retomados continuamente, em progressão mesmo, pretendendo concretizar a unidade 1+1=1, condição para a salvaguarda da humanidade. No caso da presente exposição, os casos de alteridade asseguram-se na autonomia, ainda que no diálogo e cumplicidade invisíveis e fortes, entre ambos protagonistas.

Adicionando as temáticas plasmadas nas obras de em um e outro artista, manifesta-se um caso de figuras em paisagens com casario. Ou seja: figuras nas esculturas de João Barata Feyo; casario nos desenhos virtuosísticos deste escultor e vislumbres de paisagens imaginadas – em sublimidade cromática - sobre a realidade, nas aquarelas de Dulce Barata Feyo.

Nas revisões poéticas de João Barata Feyo, os casos individuais e a unidade do plural organizam-se, escondendo por debaixo dos telhados as figuras que sabe captar nas suas esculturas. Transita-se, assim, nos reinos da imaginação, entre a bi e a tridimensionalidade. Cruzam-se os géneros, e as temáticas convencionais que aqui se rebelam, geram uma rutura construtiva de identidades diferenciadas. Assim como os dois artistas (1+1) dialogam em alteridade focada num prisma aglutinante que respira. As aquarelas ativas e pulsáteis de Dulce Barata Feyo são, pois, uma espécie de visão cosmológica que garante a cronologia do humano, ainda que este não se veja à superfície.

Maria de Fátima Lambert

Professora Coordenadora - ESE / IPP

Crítica de Arte e Curadora Independente

João Barata Feyo



GALERIA DE ARTE

2 Percursos



JOÃO BARATA FEYO

ESCULTOR, ARQUITETO E PROFESSOR UNIVERSITÁRIO

João Rafael de Basto Barata Feyo, nasceu em Oeiras a 18 de fevereiro de 1938.

Em 1949 fixou-se no Porto; o Pai lecionava na Escola Superior de Belas-Artes do Porto.

Escultor pela Escola Superior de Belas-Artes do Porto, com a Tese, “Grupo Escultórico” classificado com 19 valores.

Arquiteto pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, realiza a dissertação de Mestrado, “Arte Pública – D. João VI no Passeio Atlântico”.

Professor Jubilado da Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto.

Frequentou a Secção Preparatória de acesso à ESBAP na Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis (1956-1957) e o curso de Escultura da Escola Superior de Belas-Artes do Porto (1957-1963). Para o exame final, realizado em 1966, apresentou o trabalho “Grupo Escultórico”. Durante a formação académica foi discípulo de Barata Feyo, Dordio Gomes, Heitor Crames, Lagoa Henriques, Júlio Resende, Doutor Artur de Gusmão e Arq. Fernando Távora entre outros.

Em 1968 e 1969, fez o curso de Ciências Pedagógicas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e lecionou na Escola Industrial e Comercial de Gondomar.

Na ESBAP frequentou o curso de Arquitetura de 1974 a 1976, concluindo na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, em 2014, o ciclo de estudos integrado conducente ao grau de Mestre em Arquitetura.

Em 1972 foi nomeado primeiro-assistente do quadro da Escola Superior de Belas-Artes do Porto, após ter realizado o Concurso de Provas Públicas de obtenção do título de Professor Agregado em Escultura, encetando uma carreira académica nesta instituição como primeiro-assistente, do quadro, e depois Professor Auxiliar e Professor Agregado.

No exercício da sua atividade docente, participou nas Assembleias de representantes da Escola, no Conselho Científico e no Conselho Diretivo, sendo eleito membro efetivo da Senado Universitário da Universidade do Porto e da Avaliação das Universidades Portuguesas.

No seu percurso refira-se também a ação como arguente e vogal nos Concursos de Provas Públicas para a obtenção do título de Professores Agregado de Escultores nas Faculdades de Belas-Artes do Porto e de Lisboa, entre 1981 a 1994.

Participou na renovação e reforma do ensino artístico da Escola Superior de Belas-Artes do Porto (1974-1981) e colaborou em atividades de dinamização cultural aquando das Comemorações do Bicentenário da Faculdade de Belas Artes do Porto (1979-1981).

É autor de uma variada obra plástica, nas áreas da escultura, do desenho, da medalhística e da pintura, exposta em espaços públicos e privados assim como em exposições de forma individual desde 1964 e coletiva, desde 1958 nomeadamente; as Exposições Magnas da E S B A P, Exposições dos Novíssimos do S N I., Primeira Bienal de Paris, Segunda Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian, Homenagem a Amadeu de Sousa Cardoso, “Levantamento de Arte do Século XX no Porto”, Coletiva Portus/Cale, do “O Nu “e “Grande Composição “integradas no Bicentenário da. E S B A P, a das “Esculturas no Jardim”, Ministério da Cultura, 1ª Bienal de Esculturas Ao Ar Livre das Caldas da Rainha, Arte no Porto Há 25 Anos - Fundação Dr. António Cupertino de Miranda, a Exposição ESBAP/FBAUP - Museu dos Transportes e Comunicações, Misericordiae Vultu – Mosteiro de Grijó.

É autor de numerosas obras escultóricas caracterizadas por formas sóbrias em harmonia com o local a que se destinam, e com um carácter cujo estatismo das linhas de força, o equilíbrio e as proporções, o talho dos volumes, a disciplina das composições, o tratamento das superfícies, dão, na simplificação formal que dia a dia vai adquirindo, uma sobriedade de meios e de aspetos que todos conjugados, obterão uma maior unidade formal, dentro de uma maior monumentalidade. Dividem-se entre as obras públicas, que respondem às exigências dos espaços e dos proponentes, e, as obras de cariz mais pessoal, de maior liberdade, próximas do expressionismo figurativo. Na obra monumental segue a tradição portuguesa contemporânea da estatuária tradicional, abordando muitas das figuras centrais da cultura e da história portuguesas, mas usa no bronze, o seu material de eleição.

Colaborou como discípulo com Mestre Barata Feyo na ampliação e modelação de muitas estátuas ou monumentos realizados entre 1955 e 1972. como o Monumento ao Infante D. Henrique, Bartolomeu Dias, Flora, Estatuas para a Ponte da Arrábida, as estátuas para o Palácio de Justiça do Porto, Estátua Equestre de D. João VI, a Estátua Equestre de Vimara Peres e monumento a António Nobre.

Produziu esculturas, baseadas num desenho cuidadoso e estruturado numa linguagem simples, sóbria e grandiosa. Concebeu-as em madeira, ferro e barro, mas sobretudo em bronze, material dominante em obras como: a Menina do Arco; Lei e Justiça para o Palácio de Justiça - Póvoa de Varzim; monumento ao Emigrante para Monção; busto de Frei Manuel de Santa Inês; imagem em madeira policromado Nossa Senhora da Conceição - Sameiro Braga; busto do Padre Ismael de Matos; Ascensão de Cristo para a Igreja da Areosa; Baixo-Relevo de S.to António para Igreja Paroquial de Corim; “Homem Alado”- Aeroporto Lisboa; Busto do escritor João A. Nabais; Dois altos-relevos alusivos ao Imperador Trajano; Monumento a Nossa Senhora da Conceição – Fafe; monumento “Homenagem à População Rural do Concelho” – Bragança; monumento “Soldados da paz”- Vila Meã; cinco vitrais destinados à Igreja Paroquial de Corim; Medalha Comemorativa da Sociedade Figueira Praia; busto do Comendador Fernando da Silva Mendonça; entre outros.

Foi distinguido com o prémio da Comissão da Imprensa e Crítica de Arte, na Primeira Bienal de Paris, prémio “Mestre Manuel Pereira”, do Secretariado Nacional de Informação, prémio de Escultura na Exposição de Artes Plásticas da Queima das Fitas da Universidade de Coimbra, prémio no Concurso da Medalha Comemorativa da União de Bancos Portugueses.

(Universidade Digital / Gestão de Informação, 2017)



JOÃO BARATA FEYO

Voo, 1959

(Prémio 1ª. Bienal de Paris)

Madeira e pedra



JOÃO BARATA FEYO

Bailarina, 1974
Bronze



JOÃO BARATA FEYO

Poesia, 1975
Bronze



JOÃO BARATA FEYO

Torsos, 1982
Bronze



JOÃO BARATA FEYO

Telhados, 2017
Desenho
70 x 50 cm



JOÃO BARATA FEYO

Telhados, 2017
 Desenho
 50 x 70 cm



JOÃO BARATA FEYO

Telhados, 2017
 Desenho
 50 x 70 cm

Dulce Barata Feyo



JOÃO BARATA FEYO

Telhados, 2017

Desenho

50 x 70 cm



GALERIA DE ARTE

2 Percursos



DULCE BARATA FEYO

LICENCIADA EM PINTURA PELA F.B.A.U.P.

Nasceu em Fafe.
Licenciada em pintura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto, em 1983.

Citada em:
- “Dicionário dos Pintores e Escultores Portugueses”, de Fernando Pamplona.
- “Dicionário do Núcleo de Artes e Letras de Fafe”, de Artur Coimbra.

Exposições individuais:

- 1991 - “Interiores”, Galeria Diagonal, Cascais
- 1995 - Galeria Espaço D’Arte Moldursant, Porto
- 1996 - Centro Cultural do Alto Minho, Viana do Castelo
“Aquarelas”, Casa-Museu Teixeira Lopes, Vila Nova de Gaia
- 1997 - “Porto Vivido”, Ordem dos Advogados, Porto
- 1999 - Museu Nogueira da Silva, Braga
- 2001 - Casa Municipal de Cultura, Fafe
- 2002 - Biblioteca Municipal de Vale de Cambra
Galeria da Pousada D. Diniz (org. Cooperativa Árvore), Vila Nova de Cerveira
- 2003 - “Matizes”, Galeria de Artistas de Gaia, Vila Nova de Gaia
- 2005 - “Aquarela, ainda”, Cooperativa Árvore, Porto.
- 2005 - “Do lado de cá”, Auditório Municipal de Gondomar, sala Júlio Resende
- 2007 - S/título, Art’in Douro, Gondomar
- 2009 - “Paisagem, por que não?”, Centro Multimeios de Espinho
- 2010 - “Paisagem, por que não?”, Galeria Olga Santos, Porto
- 2011 - “Silêncios”, Cooperativa Árvore, Porto
- 2011 - “Silêncios”, Museu Municipal de Espinho
- 2012 – Casa Barbot, Vila Nova de Gaia
- 2014 – Palacete Viscondes de Balsemão, Porto
- 2016 – “ De Um Certo Jardim Fora Do Tempo”, Auditório Municipal de Gondomar.

Exposições coletivas (seleção):

- 1983 - “Encontro E.S.B.A.P”, Porto
Aliança Seguradora, Lisboa
- 1984 - “Arte para Férias”, Galeria EG, Porto
- 1985 - “A Festa”, Galeria EG, Porto
- 1986 - “Banho Turco”, Galeria Diagonal, Cascais
Galeria Janela Verde, Lisboa
- 1987 - “Figurações Recentes”, Galeria Quadrado Azul, Porto
- 1987/92/94-96/98/00-15 - Cooperativa Árvore, Porto
- 1992 - Vantag, Porto
- 1993 - “Cumplicidades”, Fundação Joaquim Nabuco, Brasil;
Prémio Vespeira, Montijo
- 1994 - Centro Unesco, Porto; Rotary Clube do Porto;
“Colectiva de Natal”, Galeria Artesis, Vila Nova de Gaia
- 1995/97/99/08/09 - “Gaiarte V Bienal”, Vila Nova de Gaia
- 1995 - “1ª Exposição de Artes Plásticas da AMI”, Porto;
“3ª Edição do Prémio Júlio Resende”, Gondomar;
Colectiva da Associação Abraço, Porto;
“Natal ‘95”, Galeria Artesis, Vila Nova de Gaia;
- 2000 - “No Feminino”, Galeria Artesis, Vila Nova de Gaia;

- “Múltiplos e Objetos”, Galeria Epicentro, Porto
- 2004 - “4 Olhares de Mulher”, Casa dos Açores, Porto
- 2007 - Colectiva de Pintura, Casa da Cultura, Fafe;
Colectiva de Pintura, Ordem dos Médicos, Porto;
“Diversidades”, Ordem dos Médicos, Porto
- 2010 - “Um lugar para o Joãozinho”, Lugar do Desenho, Fundação Júlio Resende, Gondomar
80 Anos de José Afonso Galeria A cadeira de Van Gogh,
Coletiva Galeria Cor Espontânea, Porto
- 2011/13/17-1ª,2ª e 4ª Bienal “Mulheres d’Artes”, Museu Municipal de Espinho;
- 2011- “Arte Pintada a Letras”, Museu Municipal de Espinho,
25 Anos / 25 Artistas, cineclube, Fafe
- 2012/14/15 – Coletiva anual dos Sócios Artistas de Gaia, Vila nova de Gaia
- 2013 – 50x50, Galeria Porto Oriental, Porto
- 2014 – Dia Internacional da Mulher, Câmara Municipal de Vila-Nova-de-Gaia
- 25 de Abril: 40 anos/40 artistas, Câmara Municipal de Vila-Nova-de-Gaia
- Coletiva de Natal, galeria Porto Oriental.
- 2015 – Exposição / concurso da Primeira Bienal de Arte de Gaia.
- Múltiplas visões 30x40 gabinete da Bienal, Vila-Nova-de-Gaia.
- Multiplicidades Coletiva, Ordem dos Médicos, Olga Santos-galeria, Porto.
- Artistas e Poetas à procura de uma casa para o Menino Jesus, Fundação escultor José Rodrigues, Porto.
- Coletiva de Natal, galeria Um Olhar Sobre o Botânico, Olga Santos-galeria, Porto.
- 2016 – Gaia Arte - Onda Bienal, coletiva, Salão de Artes Plásticas - Rotários de Gaia
- Onda Bienal, coletiva, Casa da Cultura, Seia.
- Arte no Hospital – coletiva, Centro Hospitalar Vila Nova de Gaia - Espinho
- Onda Bienal, coletiva, Auditório Municipal de Gondomar.
- Onda Bienal, coletiva, Fórum Cultural da Fundação em Cerveira.
- Coletiva “Misericordiae Vult”, Mosteiro de Grijó.
- Espaço entre Artes - Artistas e Poetas à procura de uma casa para o Menino Jesus, Ovar.
- Coletiva de Natal – Os Brinquedos – Galeria Porto Oriental.

Ilustração - Conto – Tempo de Magia – contos de Helena Osório

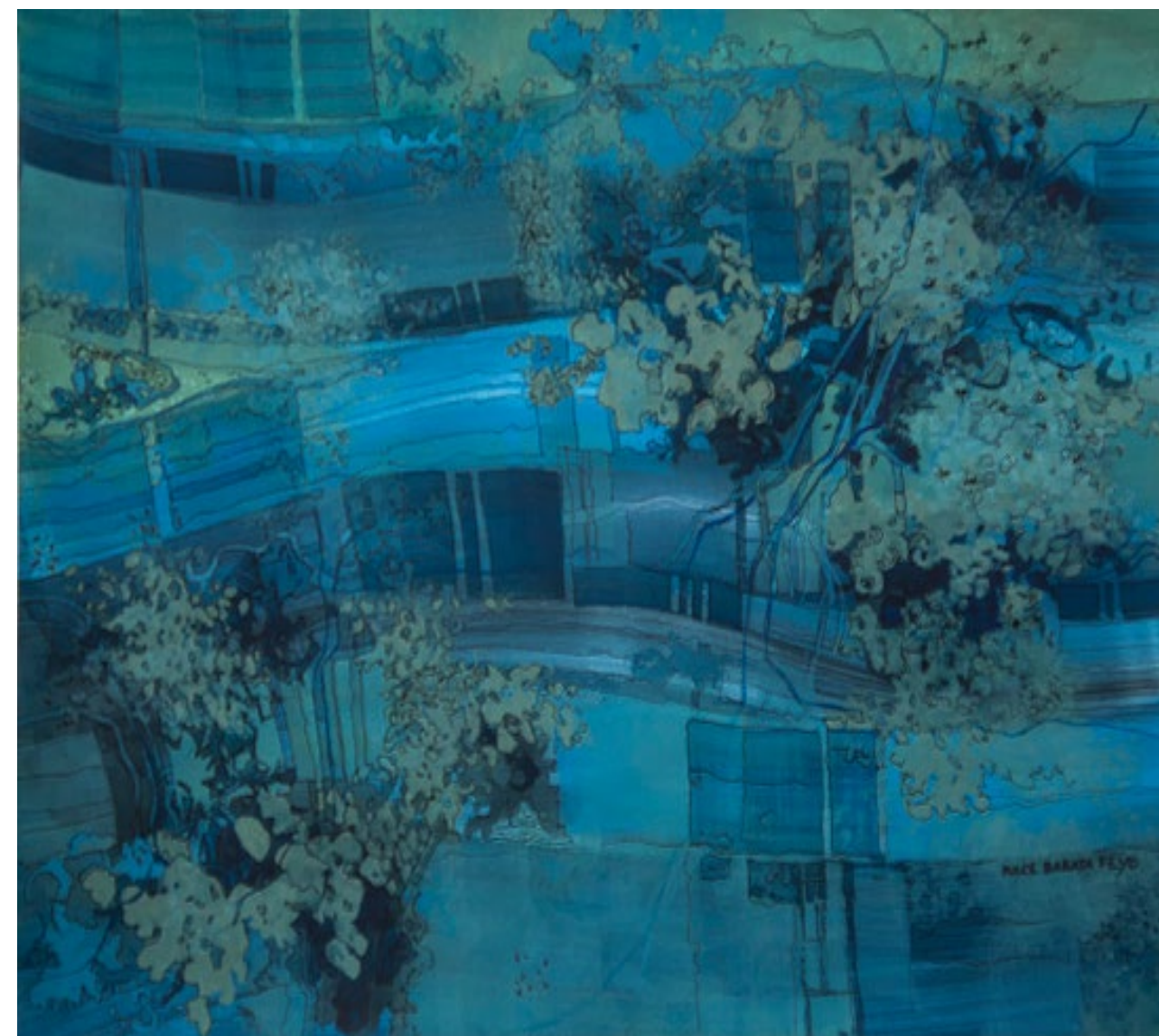


DULCE BARATA FEYO | S/ Título, 2017 | Aquarela | 46 x 61 cm



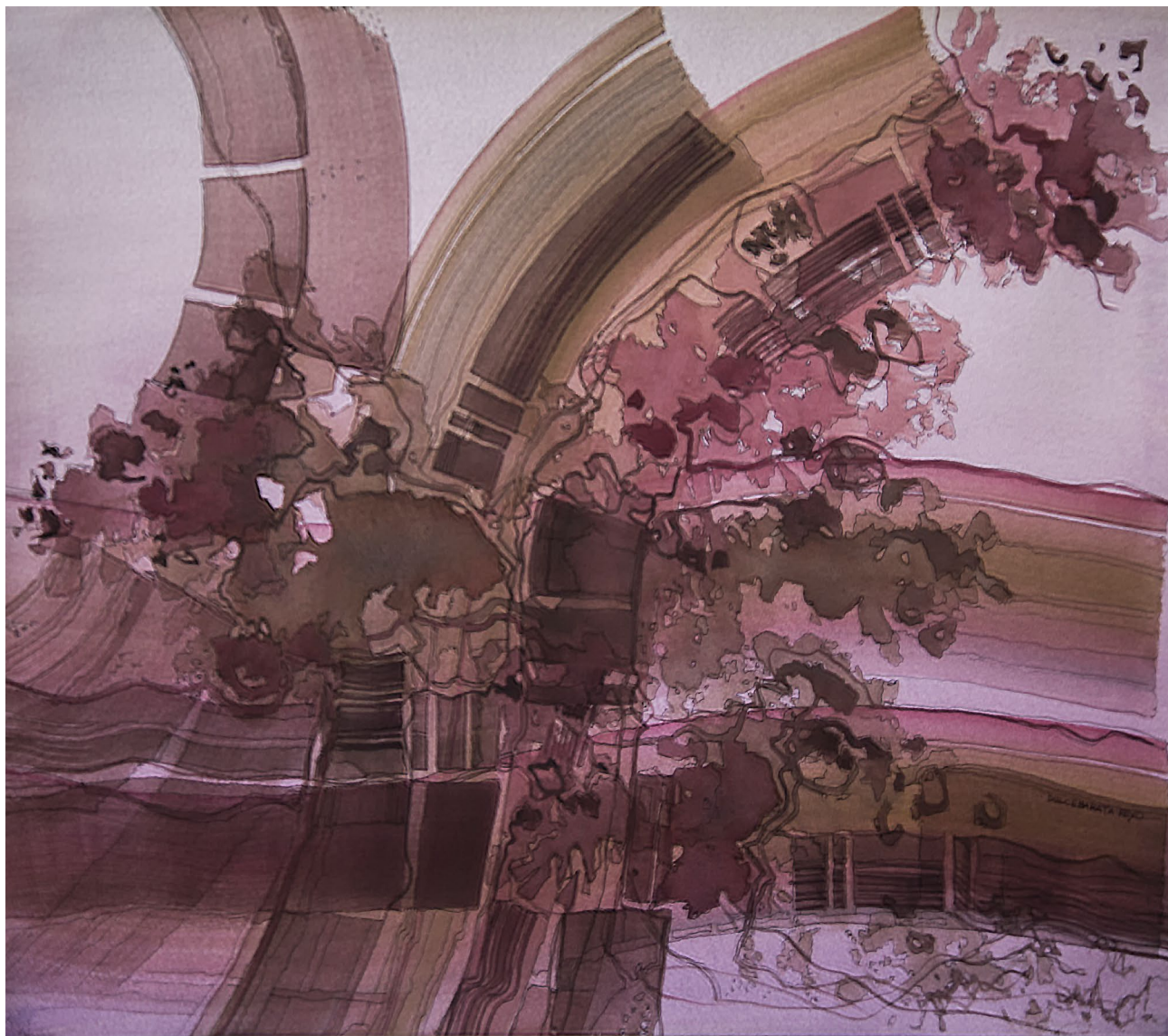
DULCE BARATA FEYO

S/ Título, 2017
Aguarela
46 x 61 cm



DULCE BARATA FEYO

S/ Título, 2017
Aguarela
46 x 61 cm



DULCE BARATA FEYO

S/ Título, 2017
Aguarela
46 x 61 cm



DULCE BARATA FEYO

S/ Título, 2017
Aguarela
46 x 61 cm

2 PERCURSOS
DULCE E JOÃO BARATA FEYO

ORGANIZAÇÃO E COORDENAÇÃO
Olívia Reis

OR GALERIA DE ARTE
Rua 14, nº 781 | Rua 25 nº 318 - 4500-280 Espinho | Portugal
info@oliviareisgaleria.com | oreisgaleriarte@gmail.com
+351 914 294 970 | www.oliviareisgaleria.com

DATA
Março de 2018

CATÁLOGO

EDIÇÃO
OR GALERIA DE ARTE

COORDENAÇÃO
Olívia Reis

TEXTOS
Fátima Lambert

DESIGN E PAGINAÇÃO
Tiago Castro

LOGÓTIPO - OR GALERIA DE ARTE
Tiago Castro

IMPRESSÃO
Tipografia Meneses
Cooperativa Gráfica de Espinho CRL

TIRAGEM
50 Exemplares